



Worldwide
18-19 Maio 2021

A Igreja na nova realidade

AETI 2021

Apostolic Fellowship International

Giovanni Traettino

Boas-vindas e Agradecimento

Enquanto olhamos com confiança para a possibilidade de uma Consulta AFI “presencial” em 2022 (esperamos!), agradecemos a Deus, e à tecnologia incorporada, pela oportunidade, após a do ano passado, de uma segunda Consulta online. Pela qual expressei o meu agradecimento pessoal, do Executivo, ao Secretariado por ter trabalhado nisso, ao pessoal técnico que hoje a torna possível e que continua trabalhando. Obrigado!

Agradeço também ao Executivo pelo esforço empenhado na preparação do **Programa**, a disponibilidade e “o esforço” dos dois palestrantes na preparação das contribuições que nos ajudarão a refletir nestes dois dias, a contribuição de um dos nossos “pais” para o “Devocional” de amanhã. Do seguinte modo:

1. O primeiro, *Pastor Carlos Mraida*, sobre o tema “*O fim de quem éramos, o começo de quem realmente somos - Trinta Estratégias Apostólicas*”.
 2. O segundo, o *Pastor Vinci Barros*, sobre o tema “*Jesus, o Modelo da obra*”.
 3. Amanhã de manhã, o *Pastor Ernest Komanapalli* para o “Devocional”.
-

Introdução

Novos paradigmas - Uma importante mudança

O *Pastor Carlos Mraida*, sou grato a ele, pela sua excelente e estimulante contribuição a esta sessão da AFI, fala deste tempo marcado pela pandemia do Covid como de uma passagem crucial para “um novo tempo”; de uma transição “histórica” de “novos paradigmas” e *testemunho* de uma mudança cultural importante. Seria um tempo “fluido”, de passagem para uma nova era [da modernidade para a pós-modernidade], de uma mudança real - revolucionária - de época. Novos paradigmas, mudança, são as palavras-chave.

A pedra de Referência (Modelo)

O *pastor Vinci Barros*, por outro lado, também sou grato a ele. Ele chamou - também estrategicamente para este tempo - a nossa atenção para a pessoa de Jesus (Cristo no centro! “*Quando eu for elevado ... atrairei todos a mim.*”), para a vida e caminho de Jesus, para a importância crucial *para nós*, da imitação de Cristo. Portanto, de sermos discípulos! De fato, somos chamados em todos os tempos, em todas as épocas e culturas, a olhar para Cristo, a contemplar o rosto de Cristo, a sermos discípulos de Cristo, sendo “*transformados à sua imagem, de glória em glória, segundo a ação do Senhor, que é o Espírito.*”¹

¹ 2Cor3:18

Novidade e Continuidade

Em suma, somos exortados por um lado - mesmo neste “tempo” - a permanecermos abertos à mudança do “reino” que vem em nossa direção do futuro. Por outro lado, permanecermos fiéis e fundamentados na "pedra de referência (modelo)", "a rocha" dos séculos, eterno e imutável, que é o Senhor. Ele é "o mesmo ontem, hoje é para sempre"². Esse é o “perfil” trans-secular, intercultural e eterno do Filho de Deus, do Senhor, de Cristo.

Pensar por paradigmas

Recentemente li uma bela e esclarecedora página do conhecido teólogo evangélico Robert E. Webber. Sobre a importância do pensamento paradigmático, ou melhor, do “pensar por paradigmas”³. Ele argumenta que essa abordagem, aplicada à história do Cristianismo, nos ajuda a entender que "desde o princípio a fé cristã foi filtrada pela variedade das culturas". E que "em cada uma dessas culturas o cristianismo foi, antes de tudo, comunicado por meio de um ou mais princípios ('paradigmas') dominantes." E exemplifica. Na era clássica, o paradigma do "Mistério", na Idade Média o da "Instituição", o "Individualismo" durante a Reforma, a "Razão" (o Iluminismo) na era moderna e, por último, agora, na era pós-moderna, novamente o paradigma do "Mistério". O que nos diz que, de maneira talvez inconsciente para nós, também somos filhos de nosso tempo e provavelmente estamos pensando, em maior ou menor grau, com o/os paradigmas de nosso tempo; e, da mesma forma, também “filtrando” a nossa ideia de cristianismo.

Webber sugere ainda:

- “O pensamento paradigmático também nos fornece uma maneira inteligente de como lidar com os tempos [as estações] de transição. Por exemplo, sabemos atualmente que a fé cristã incorporada na cultura moderna, com seu pressuposto filosófico de um mundo mecanicista compreendido por meio da metodologia empírica, está se desgastando. As revoluções culturais estão nos introduzindo em uma nova era. Neste turbilhão de mudanças, muitos procuram incorporar honestamente a fé histórica na cultura emergente. Este objetivo não será alcançado abandonando o passado, mas buscando a estrutura transcultural da fé (isto é: a regra de fé) que foi abençoada com uma particularidade sociocultural em cada período da história da Igreja”⁴.
- **“Portanto - conclui ele - o ponto de integração com uma nova cultura não é restaurar aquela (antiga) forma cultural do Cristianismo, mas recuperar o quadro de fé universalmente aceito que começou (que se originou) com os apóstolos, foi desenvolvido entre os padres, foi transmitido pela igreja em suas tradições litúrgicas e teológicas.** Essa hermenêutica⁵ nos permite enfrentar as mudanças culturais com integridade. Nosso chamado não é reinventar a fé cristã, mas, em relação ao passado, dar sequência ao que a Igreja sustentou desde o início.

² Hb13:8

³ Robert E. Webber, *Ancient – Future Faith* – “Rethinking evangelicalism for a postmodern world”, Baker Book House, 1999, pp. 16-17

⁴ *Op. Cit.* pp16-17

⁵ “Interpretação”. De acordo com os textos. Mas, como neste caso, também da existência humana.

Nós, portanto, mudamos, como disse um amigo meu, “**não para sermos diferentes, mas para permanecermos os mesmos.**” Neste momento, estamos envolvidos na transição da modernidade para os tempos pós-modernos. Então, vamos dar uma olhada mais de perto nesta passagem para ter uma ideia de como devemos mudar para permanecer os mesmos.”⁶

O Pastor Mraida, em sua apresentação, creio que queira nos ajudar a fazer esta passagem. Em uma estação "líquida" como a nossa, nos colocando à disposição para a mudança "para permanecermos os mesmos". E, portanto, ao compreender o fluxo e a sucessão das épocas, com os paradigmas que as caracterizam, discernir “o depósito” permanente, transgeográfico e "transcultural", *o fio vermelho*, [os elementos constitutivos e fundamentais] da “*fé que foi transmitida aos santos uma vez para sempre*”. E, portanto, na mudança dos tempos e das estações, na sucessão das gerações e na "turbulência da história", a substância e a identidade permanentes - da "verdadeira" Igreja. Permita-me usar este adjetivo uma vez. Isso quer dizer *a substância e a continuidade* da "igreja" nas circunstâncias históricas em mudança, regimes políticos, estruturas econômicas e modelos sociais, costumes e formas de pensar. Numa palavra da “cultura que somos” - lembra-nos Mraida - e que produzimos.

Antiguidade e modernidade da Crença Apostólica e da Crença de Nicea- Costantinopla.

A *Crença Apostólica* - provavelmente do segundo século - é acreditada e confessada pela igreja antiga, sempre ao longo dos séculos, e ainda hoje por todos os cristãos. É um desses documentos fundamentais; que preservaram, mesmo que "lidos" em todas as culturas que atravessaram, alguns dos elementos constitutivos e fundamentais, perenes, da fé cristã. Penso em particular na Trindade (Pai, Filho, Espírito Santo), na sua função "geradora" da Igreja. A igreja da Trindade. Na verdade, é mencionado - “*Creatura Spiritus*” - no mesmo artigo, o terceiro, o do Espírito Santo.

Creio então, e em continuidade com o primeiro, na fé expressa na *Crença de Nicéia – Contantinopla* nas características distintas da igreja: “*Creio na Igreja unica, santa, católica e apostólica*”. Para as Igrejas Antigas como nas Pós-modernas, permanecem fundamentais: Unidade, Santidade, Catolicismo e e Apostolado. E apostolado, o fundamento apostólico - naturalmente sobre o fundamento de Cristo - para promover a unidade, a santidade, a catolicismo e - aqui também acreditamos - o apostolado.

Um desafio espiritual e cultural - e voltamos aos sonhos (em parte já sonhados, mas ainda não totalmente realizados), ao que sonhamos para os tempos que temos à frente, que deve ser acolhida, tornada nossa, “casada” de maneira especial por “*Companheirismo*”, melhor para mim “*koinonia*”, como é chamada a ser a *Apostolic Fellowship International*, a AFI. Com a coragem de **estar na fronteira** que nos indica a Crença Apostólica, para transportar «*a fé recebida de uma vez*

⁶ Op. Cit. pp. 16 - 17

por todas dos santos» no tempo que vem ao nosso encontro do futuro. E no qual - quando chegarmos à "plenitude" prometida - será realizado. Porque "o futuro pertence ao Senhor". Este é o horizonte da Escritura. Nós acreditamos nisso. Os "apocalipses" temidos por muitos são apenas os cenários, as estações pelas quais, como peregrino, "a noiva" é chamada a passar; em um caminho de iluminação e transformação progressiva que leva à "plenitude" - parcial, mas real - do propósito de Deus para cada indivíduo e igreja em sua geração. Depois, para toda a igreja, todo o Corpo de Cristo, em seu Retorno, no tempo do fim, a igreja do Cordeiro, a das bodas finais. Neste momento, deixamo-nos guiar pela declaração de intenções da nossa "família espiritual". O caminho para nós é a vida de Cristo na pós-modernidade. A vida para nós é a vida de Cristo na pós-modernidade. O modelo para nós é o modelo de Cristo. Até às bodas do Cordeiro. Até às boas-vindas finais

Ismael e Isaque

Um último aviso. Em cada geração, "a Igreja-Abraão" deu a luz a seus Ismael e seus Isaque. E Isaac a seus Esaú e seus Jacó ... E assim por diante. No Egito, no deserto, na terra prometida ... Não nos deixemos desanimar. Graças a Deus há coisas boas em cada estação. Graças a Deus pelos Isaque, os José, os Jacó ... Mas queremos agradecer a Deus por todos eles. E, lição importante! Depois de dar à luz, não queremos matar Ismaels. Não queremos desprezar o Egito, queremos aprender com os desertos. Tudo coopera para o bem daqueles que O amam. ELE nos ama!

Giovanni Traettino

Carlos Mraida

O fim de quem éramos, o começo de quem realmente somos Trinta estratégias apostólicas

Esta é a segunda reunião da AFI por Zoom. É um sinal claro de que vivemos uma nova realidade no mundo, na igreja, nos nossos ministérios, que nos confronta com decisões pastorais muito difíceis. Vou tentar ser pragmático. Quero sugerir 30 estratégias para nossos ministérios apostólicos. E aqui está a primeira.

Estratégia # 1: *Eu os encorajo a ter o que chamo de Acampamento Pessoal com o Espírito Santo. Um retiro pessoal com dois objetivos: uma renovação do Espírito Santo em sua vida e a busca de revelação e sabedoria para você e seus pastores para este tempo.*

Temos passado por um estresse muito forte. Quando somos despojados de nossas rotinas seguras e familiares, enfrentamos nossa própria vulnerabilidade e nossa necessidade urgente da presença fortalecedora do Espírito Santo. E que ele antecipe o que está por vir, nos ensine todas as coisas e nos guie em toda a verdade.

Estratégia # 2: *Depois de ter feito o seu “Acampamento Pessoal com o Espírito Santo”, encorajo-os a fazer um “Acampamento Apostólico-Pastoral com o Espírito Santo”. Um retiro presencial ou virtual, com os pastores que estão em suas redes apostólicas, procurem o Senhor com os mesmos dois objetivos e entreguem as sugestões que receberão nesta Consulta AFI e o que o Espírito revelou, para você, em seu acampamento pessoal. Você precisará de uma retiro de mais de um dia ou de mais de uma retiro.*

Estamos concluindo um período e esses momentos são muito traumáticos, mas nem todos os finais de períodos, necessariamente, representam tempos de perda. Porque o final de uma estação é o pano de fundo no qual também ocorre o início de algo novo e para nós é uma grande oportunidade de desenvolver modelos de igreja e de liderança mais próximos do espírito bíblico e mais relevantes para a nova realidade. Para que assim seja, creio que devemos entender o que está acontecendo e compartilhar com nossos pastores, para que eles, por sua vez, transmitam para seus líderes e congregações.

Compreenda as mudanças que ocorreram.

A realidade mudou. Negar isso atrairá mais danos e atrasará os processos de renovação que Deus deseja guiar. Percebo que muitos pastores acreditam que isso é como um parêntese. Ou seja, eles acreditam que vivemos a normalidade, veio a pandemia e foi aberto um parêntese, mas em algum momento isso vai passar e esse parêntese vai se fechar para voltar à velha normalidade. Mas não é apenas um parêntese ou uma pausa, mas uma mudança de período.

Os pastores têm enfrentado diversos desafios até agora na pandemia: suspensão dos serviços presenciais, o uso de tecnologia, redes e plataformas digitais sem preparação prévia,

a questão das ofertas e finanças, a dificuldade de receber apoio pastoral, a manutenção de pessoal, o custo de edifícios ociosos ou a perda deles, a morte de membros em suas congregações, a migração de membros de sua congregação para outras com melhor uso e abrangência do virtual, etc. Algumas igrejas e pastores responderam bem. Muitos infelizmente não. Uma empresa de consultoria apresentou as seguintes estatísticas: apenas 35% dos membros voltaram ao atendimento presencial, 32% decidiram parar de comparecer pessoalmente, 18% estão vendo várias igrejas online e 15% já decidiram mudar de congregação.¹

O começo da pandemia foi perturbador para todos. Como se alguém tivesse desligado o disjuntor e tivemos que responder de maneiras para as quais não estávamos preparados. E a maioria foi capaz de fazer isso rapidamente. Mas entrar no novo estágio não é ligar novamente o interruptor da luz. Em vez disso, será, como diz Karl Vaters, como alguém que recebe alta de um hospital e inicia um longo e lento processo de reabilitação.

Com autorização para voltar à reunião presencial, os pastores tem nos informado: “Os serviços voltaram, mas o povo não voltou”. A reclamação de muitos é que as congregações mais ricas da cidade “roubaram muitos de nossos membros de nós”. Um pastor da cidade de Mar del Plata, Argentina, me disse que 80% das igrejas, que alugaram um prédio como templo, fecharam. No meu país, existe um processo de renovação forçada da liderança pastoral, porque mais de 250 pastores morreram.

Compreenda os dois horizontes hermenêuticos

A pandemia funcionou como um catalisador que acelerou um processo de declínio que já ocorria há anos. Isso é verdade não só na sociedade, mas também em relação ao modelo de igreja e ministério pastoral. Temos vindo a desenvolver um modelo que já não era relevante para a transformação da sociedade e que não era relevante para os próprios crentes. Mais de 50% dos que se dizem evangélicos não fazem parte de nenhuma congregação. Em outras palavras, esse modelo não funcionou mais para eles. Há anos venho dizendo que esse modelo de igreja tinha sua certidão de óbito assinada. Agora, a pandemia o enterrou vários metros abaixo do solo.

Vários paradigmas eclesíasticos e de liderança caíram. Esses paradigmas foram as maneiras pelas quais a Igreja tentou captar as verdades eternas da Palavra em um determinado contexto histórico-cultural. Cada mudança cultural causa uma mudança de paradigma. A igreja estava atrasada em compreender as mudanças culturais que estavam ocorrendo. Portanto, os modelos eclesiais, pastorais e missionários que serviram para outro tempo já não serviam. Alguns por sua falta de fidelidade à Palavra, outros por sua falta de relevância para a realidade em mudança. Mas, infelizmente, a igreja não foi adequadamente notificada sobre isso, e continuou em sua operação dentro desse modelo não bíblico ou relevante. A pandemia acelerou essas mudanças culturais e alguns desses modelos não poderão continuar funcionando.

Quando a crise provoca uma mudança tão profunda, produz-se um vazio, onde o que era conhecido já não existe e o que é novo ainda não está definido. É a grande oportunidade para o ministério apostólico da igreja se esforçar para reler a Palavra para resgatar os paradigmas bíblicos. Toda leitura da Palavra está condicionada às nossas lentes culturais. Mas se formos capazes de fazer um esforço para extrair os princípios questões eternas conjuntural, e principalmente de nossos orçamentos eclesíastico e ministerial que temos

¹ www.wavesprogram.com/members

repetido, então mesmo nossa leitura cultural, será pelo menos relevante para este novo tempo.

O ministério apostólico deve alimentar-se do conhecimento do outro horizonte hermenêutico, que é a nova realidade. Ler, consultar especialistas e cercar-se de jovens que entendem o novo mundo. E com o espírito de revelação, reinterprete essa informação e com o espírito de sabedoria canalize esse conhecimento para a prática. A fusão dos horizontes da Palavra e da nova realidade conduzirá a novas formas eclesísticas, missionárias e pastorais mais fiéis e atuais.

Estratégia #3: *Trabalhe com seus pastores no conceito dos 2 horizontes hermenêuticos. O da Palavra que nunca muda e que deve se encarnar na da realidade que está sempre mudando.*

Estratégia #4: *Investigue quais são as mudanças que já ocorreram e aquelas que as tendências marcam para o futuro. Compartilhe com seus pastores.*

Estratégia #5: *Reúna os adolescentes e os jovens e pergunte-lhes como se sentem, como veem a realidade, que mudanças estão visualizando, de que forma acreditam que a missão pode ser cumprida hoje de uma forma melhor. Em seguida, compartilhe o que você aprendeu com seus pastores. E incentive-os a fazer o mesmo também.*

Compreenda as mudanças nos paradigmas eclesísticos e de liderança

É importante que não caiamos na simplificação de pensar que tudo se resume em saber o que pode continuar a ser feito pessoalmente e quais poderão seguir sendo realizadas virtualmente. Mas vamos aproveitar o momento para repensar a igreja. Eu vejo algumas mudanças.

1. Rumo a um encolhimento da instituição eclesiástica e ao crescimento da comunidade eclesiástica.

Na prática, a igreja tem duas dimensões. A primeira, uma comunidade, o corpo de Cristo. A segunda seria a estruturação dessa comunidade como instituição. A comunidade sempre nasce primeiro: as pessoas começam a ser convertidas, batizadas, discipuladas e, quando um grupo é formado, a igreja começa a se estruturar como instituição: pessoal, edifícios, programas, atividades. Uma instituição é estabelecida para fornecer serviços à igreja comunitária e para representá-la legalmente perante as forças vivas da sociedade. Ed Kivitz, a quem sigo nisso, nos lembra que nem todo mundo que faz parte da igreja comunitária é membro da igreja institucional. Pessoas que se reúnem em cultos, em células, que seguem a programação virtual, que se sentem parte da comunidade, mas não são membros da instituição. Devemos adicionar as crianças, que fazem parte da igreja da comunidade.

E da mesma forma, há membros da instituição que não são membros da igreja da comunidade. Já por volta do ano 1000 houve um debate teológico entre Anselmo e Abelardo. Anselmo disse: quem não tem a igreja como mãe, não tem Deus como pai. E ele estava falando sobre a instituição igreja, naquela época a Igreja Católica Apostólica Romana. E Abelardo, respondeu a isso: “que Deus tem muitos que a igreja não tem, e a igreja tem muitos que Deus não tem”.

Nestes tempos, a “igreja instituição” está passando por uma redução. Edifícios não estão sendo utilizados como antes, redução de pessoal, escritórios descentralizados. Os templos podem estar fechados, mas a “igreja comunidade” ainda está ativa. A “igreja instituição” serve à “igreja comunidade” por meio de programas e atividades. Durante este tempo, será essencial que os ministérios apostólicos ajudem os pastores a definir quais desses programas e atividades são essenciais, quais são desejáveis e quais devem ser interrompidos. Os programas e atividades essenciais são aqueles que a igreja não pode deixar de fazer porque, de acordo com a Bíblia, definem a razão de ser da igreja. Os desejáveis são aqueles que, diante da nova realidade, seria bom que a igreja começasse a desenvolver e são determinados pelas necessidades que o mundo apresenta hoje. Por exemplo, dada a pandemia de saúde mental que existe hoje e que continuará a crescer, seria desejável que as igrejas oferecessem clínicas pastorais interdisciplinares abertas à comunidade assistida por pastores, psicólogos, psiquiatras e médicos.

Esta definição de programas e atividades, nessas categorias, nos ajudará a simplificar as múltiplas tarefas que o ativismo evangélico nos levou a ter. O mundo que virá será muito exigente para as pessoas e quanto menos atividades desnecessárias tivermos, melhor uso dos recursos humanos teremos.

Estratégia # 6: *Trabalhe com seus pastores nesta mudança de paradigma. Fortaleça a idéia de que o enxugamento institucional não é necessariamente uma perda, mas pode dar um maior vôo, alcance e produzir mais resultados à missão da igreja comunidade.*

Estratégia #7: *Redefina com seus pastores qual é a essência da missão da igreja. O que a igreja não pode parar de fazer.*

Estratégia #8: *Em grupos, seus pastores definam as necessidades atuais das pessoas em suas áreas e proponham programas e atividades que seriam desejáveis realizar..*

Estratégia #9: *Discuta com seus pastores quais de seus programas e atividades são essenciais, quais são desejáveis. E encoraje-os a acabar com o desnecessário.*

Estratégia #10: *Discuta com seus pastores os orçamentos financeiros de suas congregações na nova realidade. Quanto do pessoal da “igreja instituição” será necessário manter? Quanto do pessoal da “igreja comunidade” será necessário incorporar e apoiar?*

É importante que entendamos que a “igreja comunidade” é uma realidade presente, influente, mas não necessariamente mensurável, estruturada e, portanto, não controlável, administrável. Muitas das coisas que acontecem na vida da comunidade da minha igreja, descubro depois que acontecem. O irmão que concede bolsa de estudos aos jovens para que possam estudar, a irmã que é voluntária sozinha em uma casa de repouso, o casal que abre a garagem de sua casa para alimentação, etc.

Ariovaldo Ramos, apresenta-nos três conceitos de igreja no N.T.: A igreja de Jesus Cristo: *onde dois ou três estão reunidos em meu nome aí estou eu*. Há uma igreja ali. A igreja dos apóstolos. Tem uma estrutura eclesial, diáconos, sacerdotes, epístolas, disciplina, normatização, governo, organização, eleições de sacerdotes. E também aparece a Igreja do Espírito Santo, que é a igreja dos carismas. E transpassa pela igreja dos apóstolos. E muitas vezes cria "bagunças sagradas" na igreja dos apóstolos. Um exemplo: A igreja dos apóstolos

queria fechar o ministério apostólico para um grupo de 12. Mas o Espírito como um abortivo coloca Paulo, e não só ele, mas outros. E como os apóstolos deviam ser em número de 12, eles escolheram Matias por sorteio e estava mais do que claro que na vontade de Deus, a figura apostólica proeminente seria Paulo. Portanto, a igreja do Espírito Santo passa muitas vezes por meio da igreja dos apóstolos. A manifestação dos dons, a liberdade de agir do Espírito, mesmo contrária à organização apostólica, porque o perigo contínuo é que a instituição eclesial comprima, institucionalize a comunidade eclesial. O que as pessoas podem controlar até certo ponto é a instituição, mas não a comunidade. E isso modifica o paradigma da liderança pastoral que afirma ter tudo sob controle.

Nestes tempos, a “igreja instituição” encolhe e o peso da “igreja comunidade” aumenta. A “igreja comunidade” é estruturada a partir de dois elementos centrais: uma rede de relações e uma rede de missão. A rede de relacionamentos mantém a igreja viva, unida e apinhada. A rede missionária mantém a igreja ativa. Eles constituem a dimensão comunitária da igreja. A Rede de Relacionamentos tem a ver com amizades espirituais, pastoreamento mútuo, cuidado mútuo. Diante da multiplicidade de necessidades, o pastoreamento de pastores dedicados não será suficiente, mas serão necessárias formas de pastoreio mútuo.

Estratégia #11: *Trabalhe com seus pastores sobre como fortalecer a rede de relacionamentos. Como estimular o relacionamento interpessoal? Como gerar pastoreio mútuo?*

2. Por uma igreja que fortalece a igreja e aperfeiçoa a diáspora.

Existem duas expressões da igreja: A primeira, “*Ecclesia*”, seria a igreja reunida, congregada. Até agora, a ênfase principal tem sido nesta dimensão: cultos, eventos. A outra seria a Diáspora (dispersão), é a igreja dispersa. Hoje experimentamos um certo sacrifício da expressão “*Ecclesia*”. Não podemos nos encontrar da mesma forma que antes. É um momento de ênfase na Diáspora. A igreja se espalhou. E aqui temos duas tarefas. A primeira é ver de que forma fortalecemos a “*Ecclesia*”, a necessidade dela e a possibilidade de sua manifestação. Porque o mandato bíblico para fazer isso não apenas permanece em vigor², mas tem um papel vital na edificação do Corpo de Cristo³. E em uma pandemia, na saúde emocional das pessoas, o congregar da igreja é fundamental.

E aqui devemos avaliar as reuniões de adoração e congregar da comunidade. Apresentando massivamente o virtual às pessoas, porque não tínhamos outra alternativa, às colocamos no mundo de possibilidades que o “mercado” evangélico hoje oferece. Muitos pastores lamentam que seus membros tenham descoberto outros ministérios mais bem preparados técnica, musicalmente e até pastoralmente, e estejam optando por outra congregação. Claro, por trás dessa decisão, há uma falta de discipulado, de pastoreamento adequado, de maturidade. Mas mesmo explicando assim, ainda é uma realidade dolorosa para muitos pastores. Um *upgrade* é imprescindível ao nível dos pastores, dos cultos comunitários, do técnico. Isso não resolverá o problema da imaturidade, que só pode ser resolvido com discipulado contínuo, mas pelo menos evitará um abandono massivo.

O fortalecimento da dimensão “*Ecclesia*” também tem a ver com programas por faixa etária. Principalmente a infância, os adolescentes, os jovens. Estes programas devem ser

² *Hebreus 10.25: Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima..*

³ *Sobre a importância que tem em congregar-se, ver: Carlos Mraida, Volviendo de la Cautividad, en Consulta de AFI 2020: ¿Qué le está diciendo Dios a su iglesia en este tiempo de pandemia?*

alvos de nossas ênfases principais, nossos ajustes, nossos investimentos de pessoal e dinheiro. Porque eles são os setores mais vulneráveis e os que mais precisam para o crescimento espiritual de seu grupo de pares. Há uma grande ameaça, que é que esses meninos fiquem mais um ano sem amizade com seus colegas da igreja e que desenvolvam amizades apenas com seus companheiros da escola. Numa fase da vida onde para a afirmação da fé, o grupo de pares é mais importante do que a influência dos adultos, podemos perder boa parte dessa geração. Uma aliança estratégica entre a igreja e os pais é necessária para cuidar dessas gerações, tendo programas atraentes que os levam a fortes experiências espirituais, mas também a relacionamentos de amizade fortes com seus irmãos na fé.

Outro desafio é: Como cuidar da saúde espiritual e emocional e pastorear aqueles que por motivos de idade e saúde não podem se reunir pessoalmente?

A segunda tarefa é aperfeiçoar os crentes ministerialmente, dando-lhes ferramentas para seu ministério na Diáspora. Esta é a Rede de Missões. A igreja na Diáspora em missão. Aqui está uma mudança de paradigma. No passado, direcionávamos o treinamento aos ministérios que eram desenvolvidos principalmente no templo: irmãos que lideram a adoração, porteiros, aqueles que desenvolvem tarefas evangelísticas ou sociais dentro do prédio da igreja. Agora teremos que treiná-los para a missão em sua vizinhança e ambiente de trabalho. Treine advogados, donas de casa, estudantes, para servir, evangelizar, curar, libertar seus colegas, pessoas que não terão vindo aos nossos edifícios, aos seus ambientes.

Estratégia #12: *Discuta com seus pastores como fortalecer o culto comunitário, tanto face a face quanto virtual, principalmente espiritualmente, bem como tecnicamente, esteticamente e musicalmente. De quais recursos você precisa para passar para um novo nível? Quais recursos humanos, técnicos e materiais eles podem compartilhar entre si?*

Estratégia #13: *Elabora uma proposta de aliança estratégica entre a igreja e a família para pastorear crianças e adolescentes. E a compartilha com seus pastores.*

Estratégia #14: *Crie um espaço para um “brainstorming” de seus pastores sobre como pastorear os irmãos que não poderão ter contatos face a face.*

Estratégia #15: *Faça uma lista das principais profissões das pessoas em sua região e distribua-as entre seus pastores. E peça que cada um se encontre com irmãos de uma dessas profissões em sua congregação e desenvolva ajudas para servir, evangelizar, disciplinar seus semelhantes. Em um futuro encontro com seus pastores, peça-lhes que tragam esse guia para compartilhar com os demais, para que todos tenham uma ajuda para treinar os irmãos em suas diferentes profissões para a missão na diáspora.*

3. Rumo a uma igreja de protagonistas e não de espectadores

O paradigma cujo vencimento é mais evidente é o do auditório, no qual se realiza um “espetáculo religioso”, onde dez pessoas (pastores e músicos) ministram e o restante é ministrado. Muitos pastores acreditavam que poderiam continuar com o mesmo, mas virtualmente, e ainda assim ficaram felizes porque inicialmente o número de espectadores era maior do que pessoalmente. Mas com o retorno à presença, a alegria se transformou em tristeza: “Os serviços voltaram, mas o povo não voltou”..

Em minha apresentação no AFI 2020, expressei minha percepção em relação ao futuro e, infelizmente, ela se cumpriu. Portanto, quero repeti-lo, não como uma ameaça potencial, mas como uma realidade a ser trabalhada: *“Se antes da pandemia mais de 50% dos crentes em todas as cidades não se reuniam, na pós-pandemia o percentual aumentará. As igrejas aumentarão a adoração face a face, adoração online, entusiasmada para alcançar pessoas não alcançadas. Mas quando isso acontecer, muitas pessoas que antes se congregavam escolherão “assistir” o mesmo show de adoração de 10 pessoas de sua casa, sem congregação, sem ter que viajar, sem ter que “vestir-se para”, sem cobranças. À deformação de “vamos à igreja” agora será adicionado “vemos a igreja”. Para que isso não aconteça, é necessário um ministério apostólico...cuja primeira e mais importante ação é uma renovação da mentalidade dos pastores...”* As pessoas vão navegar e ser servidas como em um restaurante self-service buffet, o música que eles mais gostam, seu pregador favorito de qualquer lugar do mundo”⁴.

Não criamos oportunidades de nossos encontros para funcionar como o Corpo de Cristo, para o serviço mútuo, onde todos atuam com seus dons bem conscientes de que “somos igreja” e não que “vamos à igreja” ou “vemos a igreja”. A igreja em sua expressão Diáspora, congregará em sua expressão “Ecclesia”, se e somente se, os encontros forem experiências onde verdadeiramente a presença de Deus se torna real no seio da comunidade, com sinais e maravilhas e vários milagres e distribuições do Espírito⁵ e onde que isso aconteça como fruto de um serviço mútuo, onde todos têm a oportunidade de ser protagonistas e não espectadores. Então as pessoas não vão querer deixar de fazer parte dessa dupla experiência: o movimento do Espírito nesse encontro, e que isso aconteça com a própria vida. Caso contrário, no melhor dos casos, as pessoas continuarão a assistir ao nosso programa de suas casas e, provavelmente, verão outros.

Estratégia #16: *Prepare com seus pastores sugestões de reuniões com uma dinâmica não centralizada na plataforma e na qual haja a participação de todos.*

Estratégia #17: *Ministre aos seus pastores para que experimentem uma renovação do Espírito Santo em suas vidas que lhes permita viver um tempo de renovação em suas congregações, para que a Presença do Senhor seja evidente em cada encontro.*

4. Em direção a uma igreja de discípulos e não apenas de membros.

Alguns dos problemas que vivemos hoje (falta da consciência de pertencer a uma comunidade; migração constante de membros de uma congregação para outra; falta de fidelidade nos dízimos e ofertas; falta de compromisso de congregar e servir; resfriamento e afastamento de irmãos; etc.), são o resultado de um modelo de igreja, onde o discipulado era notável por sua ausência.

A ênfase exagerada no crescimento numérico da igreja, em detrimento do crescimento na qualidade, fez com que muitas congregações percebessem que eram igrejas grandes, mas não fortes. Estamos diante de uma oportunidade de retornar à fonte. O virtual está permitindo que muitos mais acessem a possibilidades de receber formação. A combinação das duas modalidades pode ser a grande oportunidade de retornar ao paradigma bíblico, que é o de fazer discípulos.

⁴ Ídem.

⁵ Hebreus 2.4.

Estratégia #18: *Se a sua rede de pastores não tem um plano de discipulado, explore entre as muitas possibilidades que existem e escolha um que você possa compartilhar com seus pastores e fazer do discipulado de todos os membros uma de suas prioridades.*

5. Rumo a uma liderança plural e multigeracional

A liderança tipo "pastor maestro" será cada vez mais substituída pela "orquestra de pastores". A concentração em um lugar físico favorecia o modelo antibíblico de liderança singular. O modelo de "igreja comunidade" na diáspora torna o serviço de uma única pessoa insuficiente.

Muitos pastores já estavam exaustos antes da pandemia. E o estresse da mudança na realidade os deixou impotentes e aprofundou sua exaustão. A razão é que aqueles que realizam seu ministério com responsabilidade geralmente estão sobrecarregados. Hoje há uma nova ênfase cultural no cuidado e bem-estar. Para a maioria, é mais um retorno à centralidade do "eu". No entanto, ainda é uma ênfase saudável. Aproveite a mudança na realidade para desenvolver uma liderança mais bíblica, baseada no trabalho em equipe.

Não é apenas ir do singular para o plural, mas também para uma liderança multigeracional. Na Argentina, uma mudança geracional está ocorrendo entre os pastores, forçada pela pandemia. Mais de 250 pastores morreram. E a maioria deixou suas congregações sem pastor, porque eles eram o único pastor e não tinham ninguém para sucedê-los. O modelo bíblico não é o de substituição, mas o serviço compartilhado. Os pastores mais velhos têm que se reproduzir em outros pastores e, principalmente, cooperar para se capacitar jovens, que são aqueles que entendem o mundo em que vivemos. Além de garantir a continuidade ministerial, esses jovens serão uma fonte de renovação espiritual para a Igreja, de um novo entusiasmo, uma paixão renovada, uma nova força. Não é o jovem substituindo ao velho, mas o velho junto com o jovem. Para isso, é fundamental que os pastores que já têm muita experiência em liderança, agora aprendam a co-liderar e ser liderados por outros. Os idosos focaram no "o quê" e no "porquê". Ou seja, garantir que o evangelho eterno seja sempre pregado na igreja, para a glória de Deus e a extensão de seu Reino. Ao mesmo tempo que devem deixar o "como" aos mais novos, contribuindo com novas formas de pastoreamento, de missão que sejam relevantes e pertinentes para este novo tempo.

Estratégia #19: *Peça ao Espírito que lhe revele qual de seus pastores você tem que treinar para acompanhá-lo no serviço apostólico que também é compartilhado.*

Estratégia #20: *Desafie seus pastores com a Palavra de Deus para levantar novos pastores em cada congregação. Ajude-os a fazer isso com objetivos concretos e prazos.*

6. Rumo a uma liderança mais cuidadosa e saudável.

Vaters corretamente diz que este é um momento para os pastores mudarem o ritmo. Eles responderam à nova situação com uma velocidade impressionante. Mas você não pode continuar assim o tempo todo sem sofrer consequências.

Gosto de dizer que é o momento de passarmos do ritmo "jamaicano" para o ritmo "queniano". Jamaicanos e quenianos são os atletas mais rápidos do planeta. Mas os

primeiros são especialistas em 100 metros, e os africanos são os melhores maratonistas. O ministério não uma corrida de 100 metros, mas uma maratona. O ritmo de uma maratona é mais lento. Não só o ministério é longo, mas este processo pandêmico também o será. E precisamos de uma liderança que não saia para responder a emergências, mas que conduza os processos de mudança. Este ou esses retiros que proponho a vocês com seus pastores têm como objetivo que seus líderes sejam uma liderança mais reflexiva e se coloquem na vanguarda das mudanças e não apenas corram diante do que o mundo lhes apresenta.

O ritmo também envolve liderança mais saudável. Pastores que cuidam de sua saúde. Nossa geração não foi treinada para cuidar da alimentação, exercícios físicos, exames médicos regulares e descanso. Teremos que mudar a nós mesmos primeiro, mas também ensinar nossos pastores. Muitos pastores, que apresentavam problemas de saúde, excesso de peso, vida sedentária, foram vítimas do vírus. Ensine-lhes que descansar não é pecado, mas um mandamento bíblico.

Estratégia #21: *Incentive seus pastores a organizar sua programação, deixando espaços para o tempo com a família e a fazer algo que eles gostem além do ministério.*

Estratégia #22: *Leve um médico para uma reunião com seus pastores, que conversará com eles sobre a importância da dieta, exercícios, descanso, cuidados e exames..*

7. Em direção a uma liderança que inspira e liberta mais do que uma liderança que controla.

A "igreja comunidade" que faz missões na dispersão exige um alto grau de liberdade. A liderança que tenta controlar tudo será muito limitada ou muito estressada. Em Gênesis 1.1-2, somos informados de que Deus criou os céus e a terra, mas a terra estava em um estado caótico: *desordenada e vazia*. É nesse caos que o Espírito se move e a criação adquire forma e conteúdo. O momento de máxima criatividade ocorre na união do caos e da ordem. As empresas hoje têm uma nova forma de organização e a chamam de "caórdica". A ordem é dada por ter a mesma visão e os mesmos objetivos. Mas cada um chega até eles livremente, à sua maneira. Eles dizem que é a forma mais produtiva de organização empresarial.

O caos da nova realidade nos força a uma forma "nova-velha" de liderar na igreja. Um ministério caórdico. Onde os pastores alinham as pessoas com base em uma visão e objetivos comuns, mas dando liberdade para que todos na diáspora o façam de forma criativa, à sua maneira. Essa forma de conduzir produz muita insegurança para aqueles de nós que se acostumam a controlar, de que nada na igreja se faz sem a nossa autorização. Mas será a forma mais produtiva de missão corporativa que podemos enfrentar no novo tempo. A liderança está chegando ao mundo muito menos vertical. Mas também a essência da liderança cristã é inspirar e liberar, em vez de controlar.

Estratégia #23: *Tenha uma reunião de ministração com seus pastores para que o amor do Pai seja aperfeiçoado neles e expulse todo o medo e controle..*

8. Em direção a uma liderança que vive e avança à unidade

A pandemia criou fendas que separaram ainda mais os pastores nas cidades. A politização da crise, as medidas sanitárias, o encerramento ou não de templos, escatologias catastróficas, o surgimento de lideranças individualistas que se aproveitaram da morosidade das estruturas formais de unidade, ocupando espaços de poder, foram alguns dos motivos para gerar ainda mais divisão. Por outro lado, aquelas cidades onde os Conselhos Pastorais, as Fraternidades de Ministros funcionaram bem, foram de grande ajuda, acompanhamento, orientação e fortalecimento. E foi o pano de fundo para o surgimento de projetos missionários comuns.

Foi demonstrado que a solidão ministerial é um dos piores males. E que todos nós precisamos de relacionamentos próximos, saudáveis e amigáveis com nossos colegas. Será essencial ensinar nossos pastores a ter amigos, encontrar outros pastores com quem possam compartilhar e em quem possam confiar. E o mesmo será para o cumprimento da missão em nossas nações. Temos um mundo quebrado. Há uma nova dimensão na missão da igreja que será a reconstrução das ruínas. E a unidade da igreja na missão é necessária para responder a tal desafio.

Estratégia #24: *Crie um Conselho ou Fraternidade de Pastores se não houver nenhum em sua cidade.*

Estratégia #25: *Pergunte a seus pastores se eles têm amigos e desafie-os a tê-los. Incentive-os a ingressar ou criar grupos de pastores em suas cidades.*

Estratégia #26: *Se você tem um ministério apostólico de unidade em sua cidade, faça um retiro com os pastores e analise o estado de unidade em sua cidade, e promova-o.*

9. Rumo a uma liderança com identidade própria.

Alguém nos disse que ser pastor significa que todos devemos fazer o mesmo. Mas isso vai contra a nossa natureza e a obra do Espírito Santo em nos dar diferentes carismas. O sucessismo levou muitos pastores a imitar os pastores mais bem-sucedidos, perdendo sua própria identidade e incapazes de fazer uma boa cópia do original. A virtualidade destacou isso. Porque as pessoas sempre escolherão o original em vez da cópia. O pior foi que aqueles pastores anularam o potencial que Deus colocou neles para dar uma visão singular às suas congregações, e para agrupar os crentes com essa mesma visão. Quando entendemos o conceito de Igreja da Cidade e que cada congregação é apenas uma fatia da “pizza”, e não a “pizza inteira”, não apenas paramos de fazer coisas que outra congregação faz melhor, mas entendemos algo mais importante. ainda assim, e é que cada congregação também tem seu próprio DNA, uma contribuição única a dar, que nenhuma outra congregação na cidade pode dar. Que Deus coloque nessa congregação as pessoas que compartilham esse DNA.

Estratégia #27: *Ajude seus pastores a descobrirem e se concentrarem em suas impressões digitais ministeriais exclusivas.*

10. Rumo a uma igreja com um ethos definido.

Talvez definir claramente o ethos congregacional seja o mais importante hoje. Qual é a alma, o DNA, a identidade da congregação? Cultura é o que somos. O que fazemos pode variar, mas não o que somos. Os pastores devem definir muito bem o que é esse ethos e ensiná-lo permanentemente. Em tempos de migrações de crentes mudando de congregação, isso é essencial. Quem tem conhecimento da identidade da sua igreja e concorda com a sua visão, desenvolve um sentimento de pertencimento e dificilmente vai para outra, mesmo que o “espetáculo” que o outro proporciona seja melhor.

Estratégia #28: *Pergunte a seus pastores: Quando você menciona o nome de sua congregação, com que as pessoas se associam? Por que as pessoas em sua congregação têm o orgulho de pertencer a ela? O que faz você se sentir parte? Com o que eles se identificam? O que o liga a essa congregação?*

Estratégia #29: *Faça um exercício com seus pastores para definir a cultura de sua congregação com base na Palavra.*

Estratégia #30: *Deixe-os sugerir maneiras práticas pelas quais esses valores culturais serão expressos em suas congregações e como promovê-los e reforçá-los entre as pessoas..*

Conclusão :

Uma igreja que foi construída como uma máquina de eventos pode estar em uma situação delicada neste momento. Uma igreja que gira em torno de um clero profissional, ou de uma personalidade dominante, terá problemas. Uma igreja onde a instituição controla e é mais forte do que a comunidade terá problemas. Uma igreja cujo culto gira em torno de um modelo onde 99% são espectadores e 1% são protagonistas em uma plataforma, está em uma situação complexa. Uma igreja onde o que se faz pessoalmente é idêntico ao que se vê virtualmente, terá dificuldade em sustentar o que se faz pessoalmente.

Se o complexo Comunidade-Instituição estiver devidamente relacionado, há plenitude da obra do Espírito, há redes de relações e missão, e com um movimento harmonioso de reunião como *ecclesia* e missão na diáspora, então estamos diante de um momento maravilhoso de adiantamento para a igreja.

É hora de reforçar a cultura da comunidade. Quando, como parte desse ethos, há o privilégio das pessoas sobre as atividades e programas e isso se expressa nessas redes de relacionamentos e missão, pastoreando e servindo pessoas em inúmeras necessidades, a igreja terá um crescimento exponencial e um nível de impacto sobre a cidade como nunca antes.

Quando a comunidade é promovida ao invés do individualismo como parte dessa cultura corporativa, este será um momento maravilhoso para a igreja. Porque o que as pessoas mais precisam é do aspecto comunitário.

Quando, como parte desse DNA da igreja, houver liberdade para cada crente ser protagonista, quando esse movimento caórdico do Espírito ocorrer em missão, esse será um tempo de multiplicação para a igreja. Quando temos um ethos, que celebra esse cruzamento carismático, com os riscos que isso acarreta para os nossos esquemas institucionais, então este momento pode ser de uma riqueza extraordinária. Porque quando a dimensão institucional é mais limitada, o templo é fechado ou semifechado, onde o clero não está tão exposto e visível, então essa dimensão comunitária adquire grande riqueza se as pessoas

tiverem essa liberdade. Essa ordem caótica. Porque a igreja é uma comunidade carismática, ou seja, caórdica.

Se a cultura de generosidade e solidariedade faz parte de nosso ethos, então, ao enfatizar muito as redes de relacionamentos e missão, a igreja comunitária estará prosperando. Quando na alma da igreja é mais abençoado dar do que receber, então as pessoas farão parte da comunidade não apenas para ver como podem viver melhor, mas agora se perguntam como fazer parte da missão de Jesus neste mundo. Como curar um mundo dividido, como reconstruir uma nação em ruínas.

Acredito que virá uma igreja mais fiel à Palavra e mais sintonizada com o Espírito Santo, com forte ardor e necessidade de comunidade, que se reúnam como uma eclésia não por hábito, mas porque percebem que a experiência de compartilhar o encontro com os outros é essencial, os outros, de forma real e concreta, e não por trás das telas. E com uma missão plenamente desenvolvida por cada um dos discípulos.

Deus não está nos chamando para sobreviver em tempos difíceis, mas para sermos uma igreja que está avançando, transformando a realidade de um mundo em pedaços. Apóstolos e profetas são chamados a buscar a Deus a fim de guiar seus pastores, para o que acredito será uma época gloriosa para a igreja. Porque a igreja respondendo às necessidades das pessoas trará cada vez mais glória ao nome de Jesus Cristo. Que assim seja.

Vinci Pessoal

Introdução:

Agradeço a Deus e declaro minha dependência e temor do Senhor!

Quero honrar os vários mestres que me ensinaram o caminho do Senhor; e hoje alguns deles receberão da minha vida; por isso me humilho para receber a palavra que vem do Senhor.

Deus já está usando o meu amigo particular e companheiro Carlos Mraida para falar da igreja, do corpo de Cristo atuando nesta nova realidade; e eu quero falar de JESUS CRISTO COMO O MODELO DA OBRA.

Jesus modelo da obra



Em todo tempo quero olhar para Jesus como nosso exemplo para fazer a obra;
Exemplo para fazer discípulos!!!

Marcas de Jesus: ORAÇÃO



Lc. 3.21 E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, ...

No batismo já estava orando...

Uma marca de oração! Tudo começa com oração!

Lembrei dos meus 03 batismos:

- eu era bebê e não entendia nada
- era num grupo tradicional, mas foi o começo de tudo
- foi num grupo avivado, um tempo novo, chorava muito, ORAVA, me arrependia dos meus pecados

Jesus foi batizado junto com o povo (HUMILDE), já estava debaixo da obra do Espírito Santo.

Jesus orava para vencer a guerra espiritual



Jesus sabia que estava começando uma guerra espiritual!

Por isso se separou por 40 dias e 40 noites - JEJUM - ORAÇÃO – PALAVRA (Neste texto de Mateus, Jesus está citando a palavra no livro de Deuteronômio)

Ele buscava intimidade com Deus! Por isso citava a palavra para o inimigo; e era fruto da oração.

Jesus CRISTO não é sobrenome. É ungido de Deus - Consagrado. Creio que Deus quer nos lembrar como começamos: ORAÇÃO, PALAVRA, JEJUM, SACRIFÍCIOS, HUMILDADE.

Jesus Cristo; o ungido de Deus pelo poder da oração!

Viveu em todo tempo uma vida de oração, e sabia da necessidade de conhecer a vontade do Pai.

Antes e depois das grandes decisões Ele buscava o Pai; e sabia que era o melhor momento do dia.

Abastecer a vida Dele como Deus; sempre era melhor do que o que Ele fazia; por isto precisava falar com o Pai.

Se você estudar a palavra, verá que assim foi todo o seu ministério.

Vamos dar uma olhada rápida

Na escolha dos 12 discípulos:



Lc. 6 12.16 Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e **passou a noite orando a Deus.**

E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles,

Mc. 1.35 Tendo-se **levantado alta madrugada**, saiu, **foi para um lugar deserto e ali orava.**

Por que a igreja não cresce?

Por que as pessoas não são formadas?

Por que não temos a manifestação dos dons?

Jesus passou a noite orando. Levantou alta madrugada e foi para um lugar deserto e orava.

Esta é a nossa maior necessidade.

O primeiro "segredo, a primeira revelação" é ORAR, ORAR, ORAR; alimentar-se da palavra e responder com a palavra.

Antes e depois das curas, gastava horas de orações (neste último caso se levantou na alta madrugada, e Deus curava através Dele)

Antes e depois das curas, gastava horas de orações

Lc. 5 15.16 Porém o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. **Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava.**

5

Lc. 5 15.16, porém o que se dizia a seu respeito cada vez mais se divulgava, e grandes multidões afluíam para o ouvirem e serem curadas de suas enfermidades. **Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava.**

Tudo que faz, tem a cobertura da oração, e neste caso buscou um lugar solitário.

Algumas vezes nos prendemos nos fatos, nas evidências, nos milagres. Mas o que movia tudo isto era a oração.

Ele foi e é o MODELO DA ORAÇÃO porque intercede por nós.

Orava para que os discípulos tivessem uma revelação da Sua identidade:**Orava para que os discípulos tivessem uma revelação da Sua identidade**

Lc. 9.18 Estando ele orando à parte, achavam-se presentes os discípulos, a quem perguntou: Quem dizem as multidões que sou eu? Responderam eles: João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas. Mas vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Então, falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus.

6

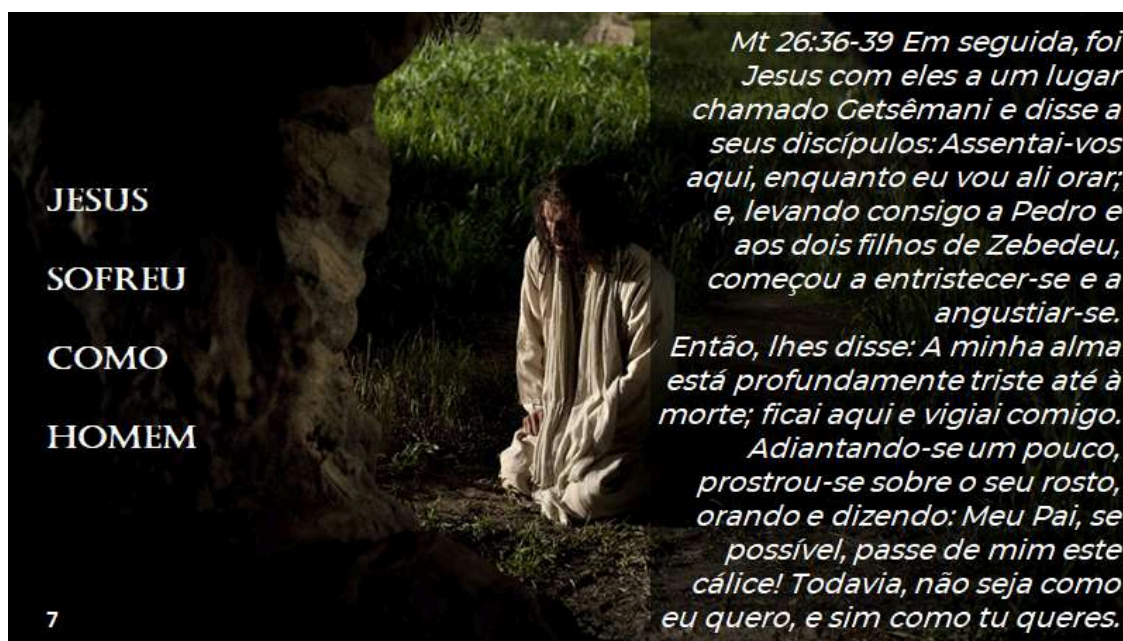
Lc. 9.18-20 Estando ele orando à parte, achavam-se presentes os discípulos, a quem perguntou: Quem dizem as multidões que sou eu? Responderam eles: João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas. Mas vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Então, falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus.

Mt. 17 1.8 Uma experiência tão tremenda no chamado monte da transfiguração; que Pedro, estava com Tiago e João e pediu para morar ali.

Enfim, o tempo não nos permite; mas a verdade é que em todo ministério de Jesus; **a realidade da oração é latente em toda palavra**; e as conversões vieram principalmente como fruto das **ORAÇÕES**; e não somente das pregações.

Jesus tinha esta necessidade, **E NÓS?**

Criamos mecanismos, ativismos, cursos etc., mas não oramos como Jesus orou.



Mt. 26 36.39 **Jesus sofreu como homem; tinha começado seu ministério orando; terminou orando e chamando os discípulos para orar.**

Entristeceu, angustiou, ficou com a alma muito triste; convocou os discípulos para vigiar com ele; pediu ao Pai para passar dele este cálice, ...

Mt. 26 40.41 Encontrou os discípulos dormindo, exorta os discípulos.

Mt. 26 42.43 Os discípulos estão dormindo outra vez; e no versículo 44 foi orar.

JESUS suava gotas de sangue! Vamos repetir isto? **NÃO**

MAS VAMOS MERGULHAR NA ORAÇÃO.

I Sm. 1.13 ANA parecia embriagada quando orava pedindo a Deus um filho

Hb. 7.25 A palavra diz que ele vive sempre para interceder por nós!

No velho ou no novo testamento; desde o início de tudo; somos marcados por muitas experiências com a oração.

At. 9.11 **Paulo logo no início do seu encontro com Deus já estava orando; e Ananias que já tinha comunhão com Deus e estava orando, já entrou orando e impondo as mãos na casa que Paulo**

estava.

Poderíamos gastar horas e dias para falar de como Deus em todo tempo fez a obra pelas orações!
É o nosso primeiro chamamento! Gastar tempo com ele; conhecê-lo, chorar com Ele, se derramar,

Não chegaremos a lugar nenhum sem oração.

O primeiro "SEGREDO" é a oração!

A primeira revelação é ORAR, ORAR, ORAR!!!

Como é nossa vida de oração?



A vida da igreja só vai mudar, quando mudar minha vida de oração!

Não temos mais força em nós mesmos; podemos dizer que já tentamos de tudo...

At. 6.4 Já naqueles dias havia muitas tarefas que tentavam desviar os apóstolos da tarefa principal (ORAÇÃO)

Deus me falou muito quando vi que a ordem é esta: "e, quanto a nós, nos consagraremos à oração" e ao ministério da palavra.

Vivemos um tempo de muita palavra, ministração na internet, e tem muita gente que se alimenta de ouvir, ouvir e ouvir, e não tem mudanças; mas temos que converter estes tempos em muito tempo de orações, ...

O problema não é começar a orar; mas manter a oração, perseverar

Rm. 12.12 Diz: "Na oração perseverantes" e temos muitos exemplos como em Lc.18 1.8 Jesus disse sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer (O juiz e a viúva)

Is. 62 6.7 e Habacuque Capítulos 1, 2, 3 nos mostra muita oração, e nos leva a entender que somos como guardas numa torre de vigia; que dia e noite velam, e clamam pela igreja, ...

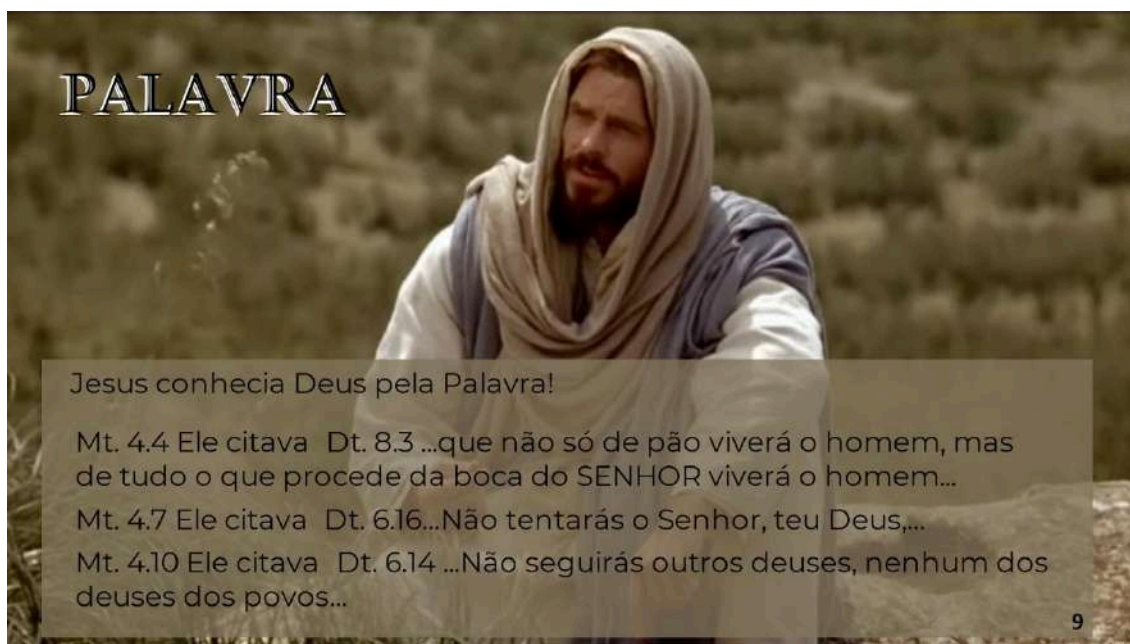
I Ts.5.17 Orai sem cessar

Às vezes lembramos de Jorge Miller que gastava 3 horas por dia de oração (5 às 8 da manhã, e na biografia dele, diz que ele fez 3 mil orações), e todas foram respondidas. Nos sentimos frustrados porque não conseguimos orar 30´ ou passamos dias sem gastar um tempo de qualidade em oração; mas Deus não está falando sobre repetir Jorge Miller; mas quer que tenhamos a nossa experiência.

“Orai sem cessar” É comparado a respiração/Não iremos parar de respirar para orar; mas vamos sempre orar; enquanto estivermos respirando...

Se Jesus demonstrou esta marca de oração, sendo ele filho de Deus; recebemos este recado do Senhor; para imitá-lo.

A segunda Marca: PALAVRA



Mt 4 1.11 Jesus deixa claro como Ele gastou o tempo com a palavra; porque quando foi testado, e tentado pelo inimigo, ele responde com a palavra.

Todas as respostas e citações de Jesus tinham como fundamento a palavra do Senhor.

Mt. 4.4 Ele citava Dt. 8.3 ...que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR viverá o homem...

Mt. 4.7 Ele citava Dt. 6.16...Não tentarás o Senhor, teu Deus,...

Mt. 4.10 Ele citava Dt. 6.14 ...Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos...

Jesus conhecia Deus pela Sua palavra!

Ouviu tudo do Pai!

Quantas coisas temos feito; mas nos falta “Palavra, fundamento, respaldo bíblico, base em Deus.

Muitos vivem uma vida à margem da palavra, mas Jesus sempre quis ouvir o Pai.

Amar a Palavra,
 ser transformado pela Palavra,
 obedecer a Palavra,
 viver a Palavra.
 Que delícia é a PALAVRA!
Já temos compreensão de que não podemos viver sem a PALAVRA!

A Terceira: O ESPÍRITO SANTO



Gn. 1.2 Desde o início o Espírito de Deus pairava/movia sobre as águas
 Gn. 1.26 Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa (Sua) semelhança
 Os 3 já estavam lá (Pai, filho e o Espírito Santo)
 Não tem como fazer a obra se não for pelo Espírito Santo!
 Quantas vezes nos falta dependência do Espírito Santo (ouvir o E.Santo)
 Lc. 3.22 e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.
 Desde o batismo, lá no início, já na primeira batalha Ele foi levado ao deserto pelo Espírito Santo para ser tentado.
 Lc. 4.14 Então, Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galiléia, e a sua fama correu por toda a circunvizinhança.
 Começa sua missão no poder do Espírito Santo



Lc. 4 18.19 O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.

O texto começa dizendo que o Espírito Santo está sobre mim, ...

Queridos, olhando para Jesus como modelo de obra; temos que seguir fielmente estas verdades; ou teremos problemas, ficaremos limitados, frios, vazios, inconsistentes, vulneráveis, decepcionados, tristes, doentes, inaptos, subutilizados, medrosos, descaracterizados, e tantas outras situações que não expressam Jesus.

Sempre vai depender destas 03 verdades (Oração, Palavra, e o Espírito Santo)

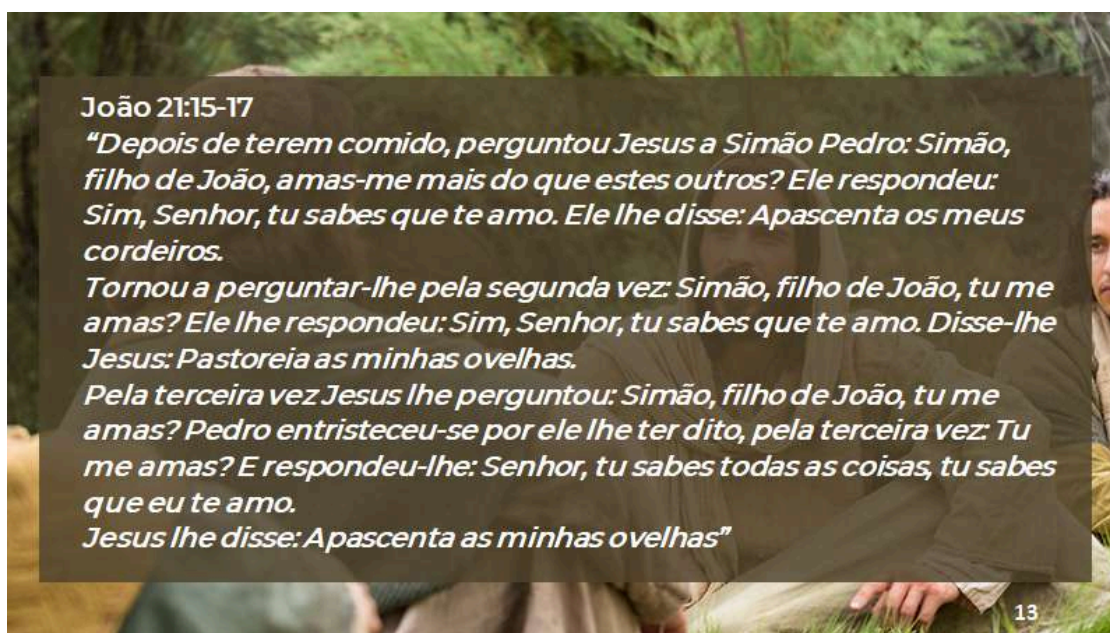
Oração porque Jesus dependia do Pai e buscava falar com Ele, Palavra porque Ele enfrentou o inimigo com a Palavra, e o Espírito Santo, porque Ele foi guiado em todo o tempo.

A quarta: A formação dos discípulos



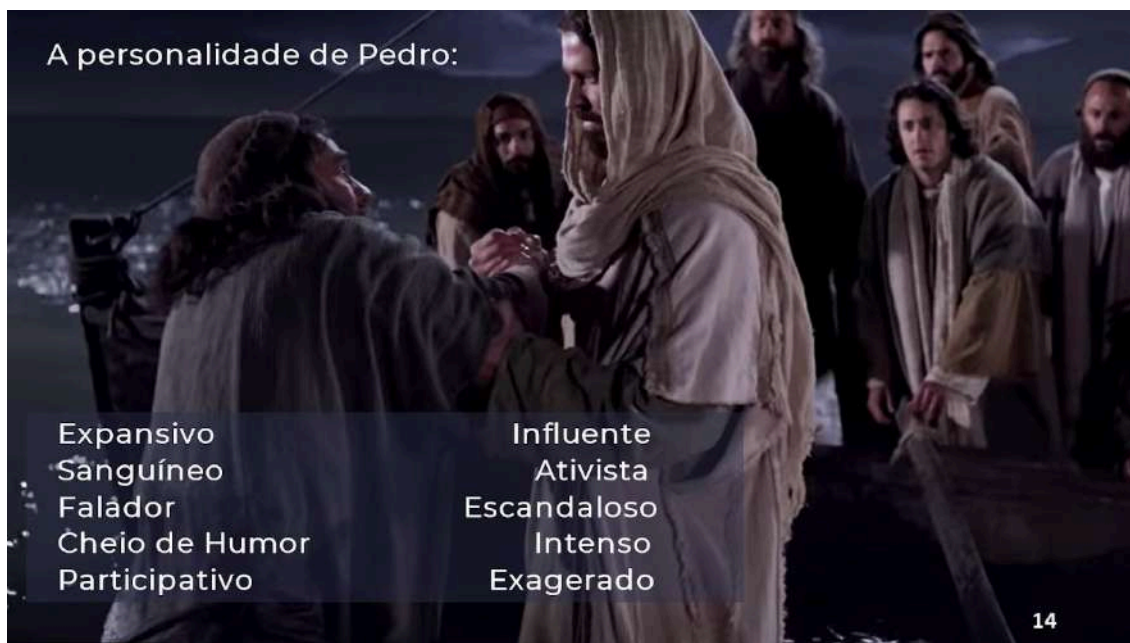
Vamos tomar um homem que exemplifica todo trabalho de fazer discípulos através de Jesus:

PEDRO:



Vida pra cima, participativo, era influente, ativista, mergulhado, enfia a cara, doa. É escandaloso, intenso, “Se doa”, Decidido, ...

Como foi o primeiro encontro dele com Jesus?



Quando nós temos um primeiro encontro com Jesus, somos tomados por uma convicção divina...

Um temor

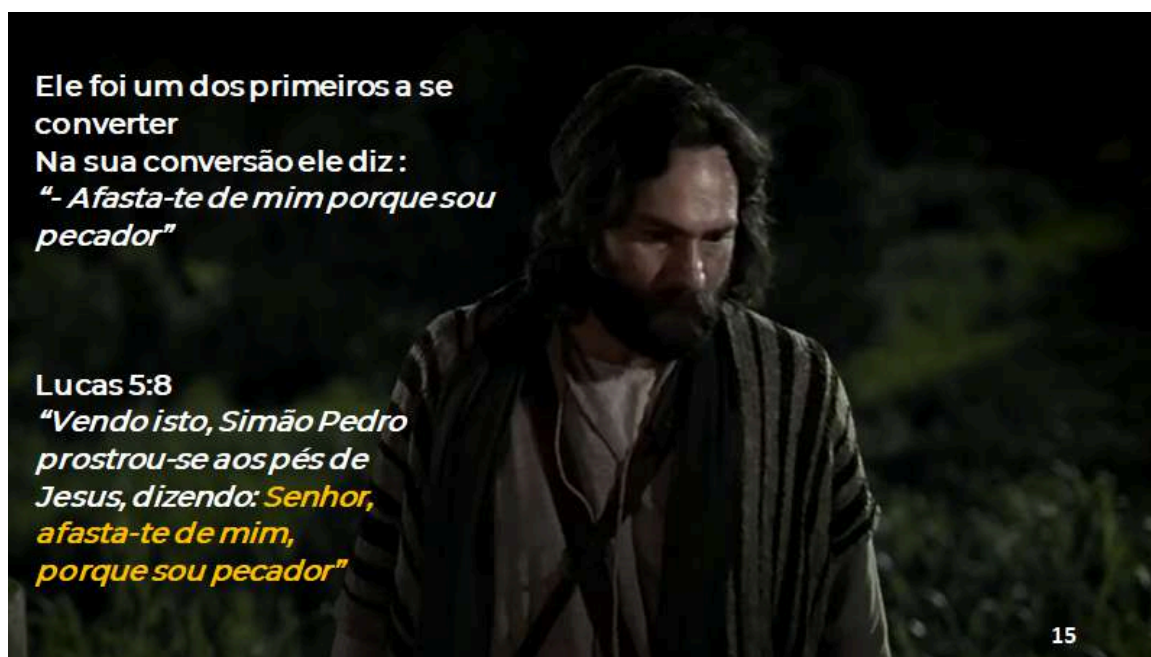
Um desespero

Humilhação

Quebrantamento

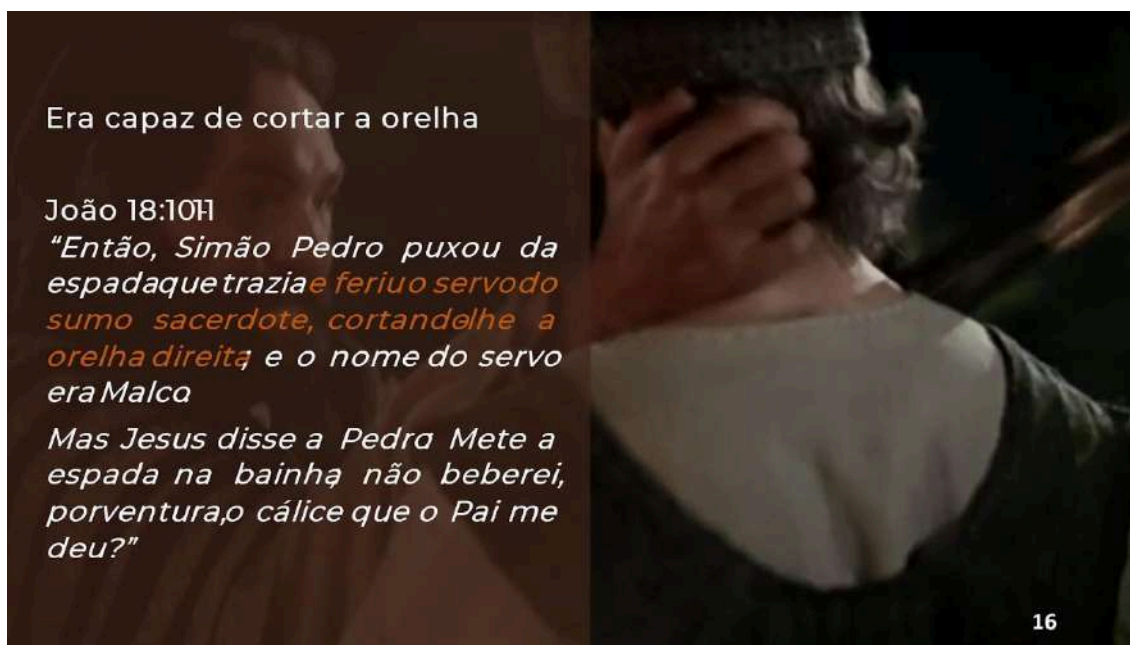
Quem se encontra com Jesus fica quebrado.

Ele era íntimo de Jesus junto com Tiago e João, que eram sócios na empresa de pesca (os 3)



Pedro era precipitado, emotivo, inconstante... mas tem o trabalho de Jesus para fazer dele um discípulo.

Jesus demonstra oração, poder, compaixão, paciência com Pedro, exemplo de domínio próprio, plenitude de Deus, e tantas outras revelações para Pedro que o seguia.



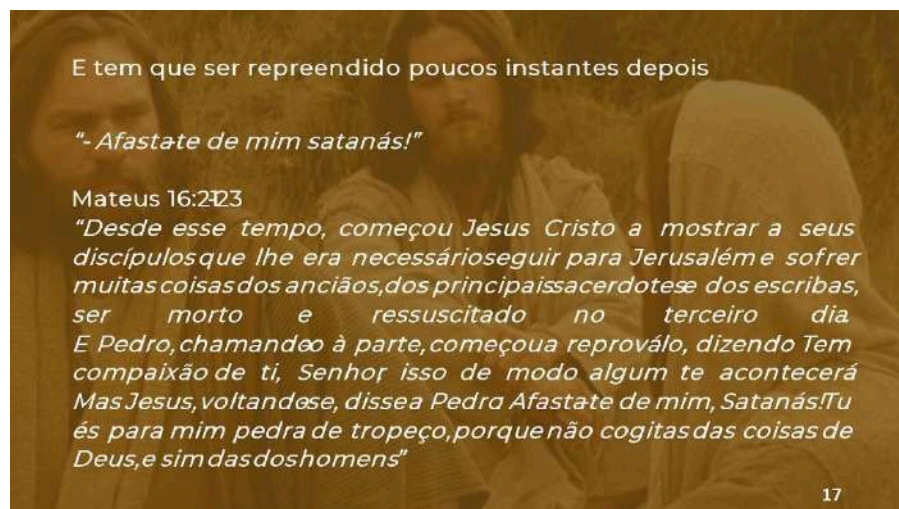
Ao mesmo tempo que diz: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo, vai dizer:

Tem compaixão de ti, Senhor: isto de modo nenhum acontecerá.

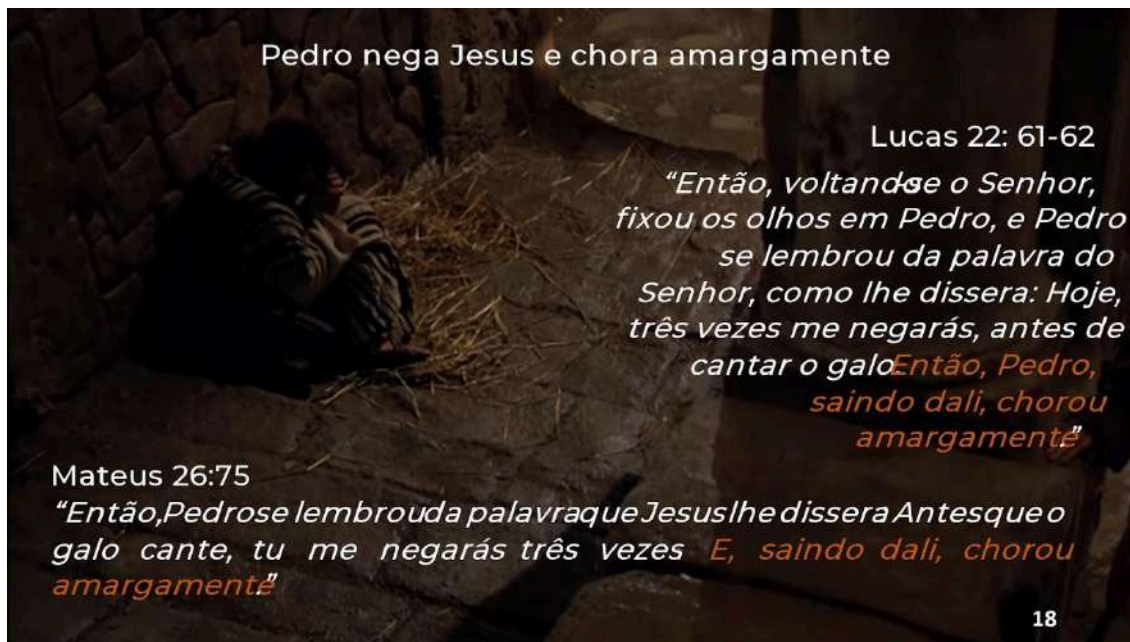
Pedro segue necessitando de uma real experiência e segue dando trabalho.

Pedro reprova Jesus que diz para ele:

Afasta-se de mim, Satanás; tu és para mim, pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus; e sim das dos homens.



Jesus ministra o coração de Pedro com oração, palavra, com o Espírito Santo dirigindo e dando discernimento.



Pedro tinha negado a Jesus, e estava decepcionado com ele mesmo.

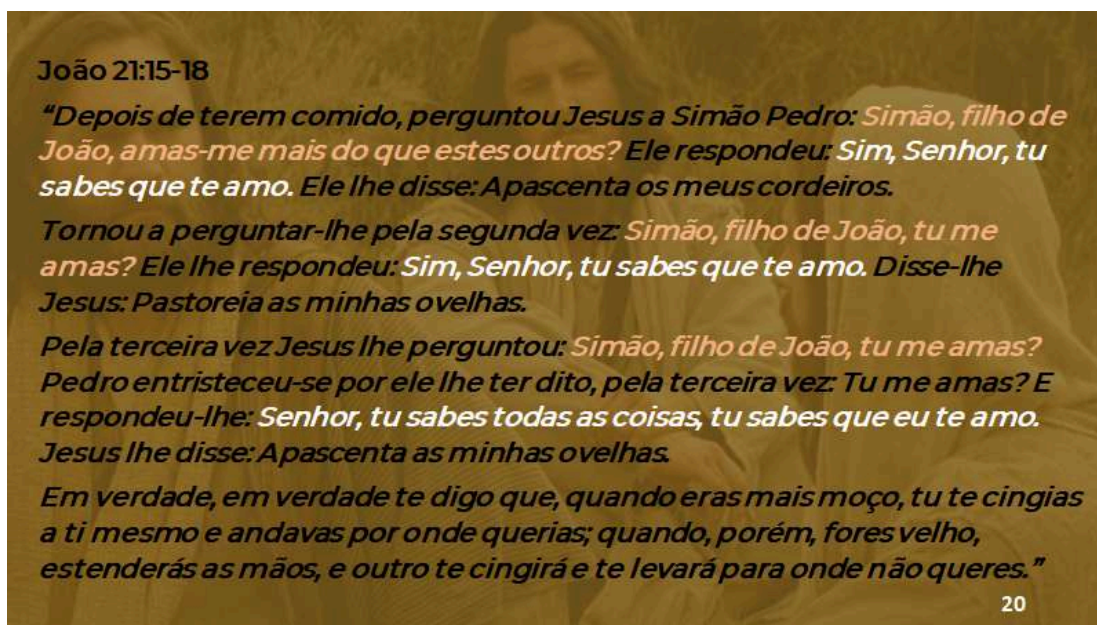
Tinha chorado intensamente, estava em agonia

Jesus usa um “bisturi” para curar o coração de Pedro (O discipulado de Jesus); não tem imposições, regras, obrigatoriedades, mas revela o amor a uma pessoa; e chama a “este enfermo”

Pedro pelo nome.

Temos que voltar ao primeiro texto; que é o texto da real Conversão de Pedro; e a vida cristã é assim; até Deus colher o melhor de nós mesmos.

AGORA VEM A CONVERSA QUE SERÁ CONVERSÃO:



Jesus perguntou por três vezes:

Você me ama?

Tinha que curar da memória da negação (3 vezes negou), pelo milagre da conversão (3 vezes Jesus perguntou)

Tu me amas?

Temos que estudar para ver os 03 tipos de amor

Eros: O amor carnal, “Egoísta”, da cama, fogo da carne, de um homem e uma mulher.

Amor que MATA/PAIXÃO, e paixão mata.

Phileo: Amor fraternal, simpatia, afinidade, amor que expressa o GOSTAR, amor perene

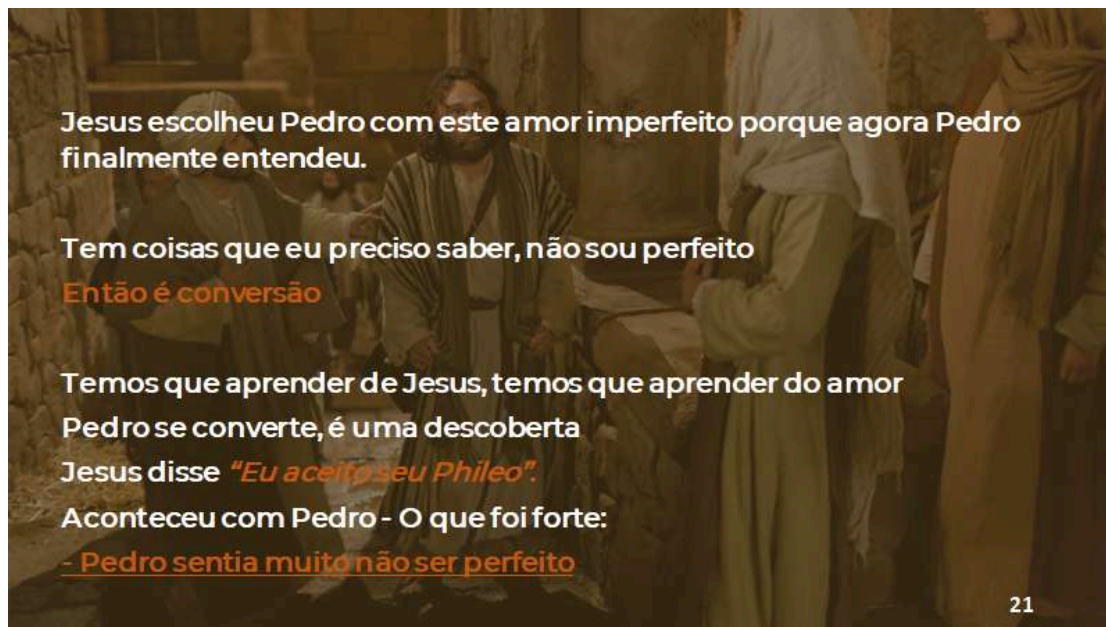
Ágape: Amor que MORRE POR, respeita, se doa, se derrama, amor incondicional, consistente.

*“tu sabes todas as coisas e sabes que te **PHILEO**”*

“VEIO ENTÃO A REVELAÇÃO “

Pedro se converteu, foi transformado e começa seu tremendo ministério em Atos. A obra é feita pelo Senhor; e foi neste momento que Pedro se sentiu limitado, fraco, debilitado.

O tempo todo Jesus fala: "Vem eu vou te mudar"



Comece a chorar, se derramar, autenticidade, verdade, honestidade, diga:

- Senhor, tu sabes quem sou, mas peço a Tua graça, não posso na minha força

- Senhor, já não estou mais iludido sobre mim.

Pedro muda de tal maneira que se torna fiel a Jesus até ao fim.

Não se sentiu digno de ser crucificado como Jesus, mas pede a Nero para ser crucificado de cabeça para baixo.

JESUS É O MODELO DE OBRA QUE TRANSFORMA DO HOMEM

Vinci Pessoal